

ANÁLISE DO SENSÍVEL: POR UMA METODOLOGIA HÍBRIDA DECOLONIAL

Sensitive analysis: towards a hybrid decolonial methodology

Marília Renata Félix Rodrigues^{1*}

RESUMO

O presente artigo compõe um coletivo de reflexões metodológicas que venho me debruçando na dissertação de mestrado. Primeiramente, selecionei autoras/es que dialogam estritamente com a proposta, compondo um quadro teórico diverso e comprometido com a analítica decolonial. Em seguida, fiz a leitura dessas contribuições, e sistematizei seis conceitos que serão basilares para a Análise do Sensível. Metodologicamente, este artigo foi construído através de levantamento bibliográfico, análise documental e reflexão teórica crítica-reflexiva. Tendo como objetivo geral edificar a metodologia híbrida Análise do Sensível, abrindo uma discussão dos métodos para futuras pesquisas em torno da junção sensibilidade-teoria social-decolonialidade. Concluimos, portanto, que, os seis eixos orientadores: (1) corporificação do discurso; (2) entrevistas narrativas autobiográficas ou reconstrução biográfica; (3) análise documental; (4) analítica da colonialidade; (5) analítica da decolonialidade e (6) ontologia da estética, serão essenciais para a construção e execução desta metodologia. A Análise do Sensível é proposta como uma metodologia que envolve a ressensibilização dos sentidos e da subjetividade, indo além do texto para compreender e incorporar elementos estético-corporais na produção do conhecimento acadêmico. Essa abordagem visa descolonizar o discurso, contribuindo para a luta contra a hierarquia de conhecimentos e promovendo uma análise mais completa e inclusiva das complexidades humanas.

Palavras-chave: Estética; hibridismo; metodologia decolonial; sensibilidades; subjetividades.

ABSTRACT

This article makes up a collective of methodological reflections that I have been focusing on in my master's thesis. Firstly, I selected authors who strictly dialogue with the proposal, composing a diverse theoretical framework committed to decolonial analysis. Then, I read these contributions and systematized them into six concepts that will be fundamental to Sensitive Analysis. Methodologically, this article was constructed through bibliographical research, documentary analysis and critical-reflexive theoretical reflection. With the general objective of building the hybrid methodology Analysis of the Sensitive, opening a discussion of methods for future research around the junction of sensitivity-social theory-decoloniality. We conclude, therefore, that the six

^{1*} Universidade Federal de Pernambuco. Cientista Social, mestra e doutoranda em Sociologia pelo PPGS/UFPE. É membra da Associação Brasileira de Pesquisadores Negros (ABPN), do Grupo de Estudos sobre Crítica da Colonialidade (UFPE) e do Ubuntu - Grupo de Estudos da Capoeira Angola e Frevo, em Pernambuco. Bolsista FACEPE. E-mail: marilia.rfrodrigues@ufpe.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9728-7663>.

guiding axes: (1) embodiment of discourse; (2) autobiographical narrative interviews or biographical reconstruction; (3) document analysis; (4) analysis of coloniality; (5) analysis of decoloniality and (6) ontology of aesthetics will be essential for the construction and execution of this methodology. Sensitive Analysis is proposed as a methodology that involves the resensitization of the senses and subjectivity, going beyond the text to understand and incorporate aesthetic-corporeal elements in the production of academic knowledge. This approach aims to decolonize discourse, contributing to the fight against the hierarchy of knowledge and promoting a more complete and inclusive analysis of human complexities.

Keywords: Aesthetics; hybridism; decolonial methodology; sensitivities; subjectivities.

1.INTRODUÇÃO

O presente artigo é parte de uma pesquisa teórica de cunho qualitativo que está em andamento no Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), fomentada pela Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco (FACEPE) e apresentado no “Grupo de Trabalho 03 - Métodos e Técnicas de Pesquisa” do *I Seminário Discente do PPGS/UFPE: O lugar da sociologia na reconstrução da democracia em 2023*. Ademais, durante a pesquisa houve-se a necessidade de construir uma metodologia híbrida que nomeiei de Análise do Sensível, a qual compõe uma coletiva de reflexões que vêm sendo feitas por mim.

A análise do sensível se propõe a ser uma fissura que busca abrir caminhos para a construção constante de metodologias híbridas decoloniais. Unindo decolonialidade, teoria social e sensibilidades, caminho para a inserção do corpo na análise documental ou de entrevistas nesta e em pesquisas futuras, ou seja, inserir o corpo em análises tidas como clássicas ou tradicionais dentro das Ciências Sociais, pareceu-me como algo necessário para a união dessas ciências junto à analítica decolonial. Mais à frente, discutirei acerca do termo “sensível” e qual sua relevância dentro do giro decolonial.

Antes disso, será de suma importância expor à/ao leitora/leitor sobre o conceito de hibridismo trazido aqui com base em Walter Mignolo (2015), donde o autor considera suas bases para aquilo que denomina “episteme” ou “gnose liminar”, e mais à frente foi também chamado de epistemologia de fronteira. Antecipo à leitora e ao leitor, que a fronteira, sendo o locus da subalternidade, mantida do lado da colonialidade, é também para Mignolo o espaço do atrito, do hibridismo.

A seguir, encontrarão discussões que, como as supracitadas, demonstram por si só — e conjuntamente — sua relevância para a proposta deste artigo. Parte do escrito é justamente uma

análise documental que proporcionou sistematizar os conceitos chaves para pensarmos inicialmente a metodologia proposta. Sendo assim, relembro que o objetivo geral deste trabalho é edificar a metodologia híbrida aqui nominada Análise do Sensível, abrindo uma discussão dos métodos para futuras pesquisas em torno da junção sensibilidades, teoria social e decolonialidade.

2.CONCEITO DE HIBRIDISMO

Diante da obra de Walter Mignolo (2015), que tomei como base para conceituar essa condição híbrida de uma metodologia decolonial, preciso inicialmente compartilhar acerca do que seria fronteira, habitar a fronteira e conhecimento fronteiriço para que possamos entender o quanto isso influencia na pesquisa que se segue.

Habitar a fronteira é estar diante de um ambiente múltiplo, de pensamentos, formas de agir e pensar. Construir um conhecimento fronteiriço, que visa a descolonização do poder, do saber e do ser é abrir mão da ocidentalização e da desocidentalização. O sujeito que habita a fronteira, possui uma interconexão entre a consciência de sua condição de subalternidade, que a/o impede de falar, e partindo disso, perceber que “é necessário falar constantemente para incorporar a voz na espessura hegemônica e criar as fissuras necessárias inserindo o local, de baixo, no global, de cima do promontório” (Mignolo, 2015, p.12; tradução minha).

Como expõe o autor:

O que poderia fazer uma pessoa cuja língua materna não fosse uma das línguas privilegiadas e que não tivesse sido educada em instituições privilegiadas? Ou ele teve que aceitar sua inferioridade, ou teve que se esforçar para demonstrar que era um ser humano igual àqueles que o colocaram em segunda classe. Ou seja, em ambos os casos se tratava de aceitar a humilhação de ser inferior a quem decidia o que fazer, seja permanecendo inferior, seja assimilando-se. E assimilar-se significa aceitar a sua inferioridade e resignar-se a jogar um jogo que não é seu, mas que lhe foi imposto. A terceira opção é o pensamento e a epistemologia fronteiriços (Mignolo, 2015, p.178; tradução minha).

Diante do que nos traz Mignolo (2015), há uma decisão a ser tomada, e durante a construção desta metodologia decidi por seguir a terceira opção: do pensamento e epistemologia fronteiriços. Visto que um método é construído com base em decisões teóricas epistemológicas e ontológicas. Ou seja, tendo a fronteira como o contexto do intelectual fronteiriço, não mais como intelectual euro estadunidense que buscava a universalidade de seus conhecimentos, este intelectual localizado

na fronteira, compreende que as escolhas científicas serão sempre relativas a um contexto específico e jamais poderá ser generalizada a todos os outros sem sequer promover reformulações necessárias.

Tendo em vista que a construção de uma epistemologia de fronteira, que utilize do hibridismo cultural e da consciência imigrante enquanto pontos positivos para sua construção, está ligada a qualquer projeto decolonial, assim como ao pensamento, sensibilidade e fazer fronteiriços, a análise do sensível será considerada parte do giro decolonial que se segue há algumas décadas na América Latina, Ásia e África.

O hibridismo, olhado a partir do global, sempre foi tido como algo inferior, o que nos relegou ao perfil de subalternização de nossos conhecimentos, por serem “pouco clássicos”, “acientíficos”, etc. Mas, agora que possuímos nossas próprias lentes científicas, que carregam nossa visão de mundo, o hibridismo cultural presente em nossas sociedades e em nosso conhecimento é parte fundante de nossa desobediência epistêmica, e contribuirá, inclusive, para a construção de nossas metodologias descoloniais. Há na fronteira um grito insistente de resistência, mas também de reexistência.

Portanto, busco aqui fazer uma escuta/leitura ativa destes gritos, e também deixar evidente minha localização fronteiriça, feminista e reexistente – ou seja, que resiste para existe e existe enquanto resiste, pois, a condição de luta é algo inerente ao sujeito condenado – dentro do fazer científico que venho promovendo. A seguir, seguem discussões teórico-epistemológicas que tornam o debate da *Análise do Sensível* mais amplo e palpável.

3. DISCUSSÕES TEÓRICO-EPISTEMOLÓGICAS

3.1. Corporificação do discurso ou “corpo-política do conhecimento”

O corpo, mesmo que carregado de descrenças pelo sistema mundo moderno-colonial, transpassa os limites do conhecimento quer seja aceito como ente ativo em sua construção, ou não. Independentemente das crenças ligadas à ciência moderna tal qual Descartes ajudou a edificar², o corpo, esteve presente durante a fabricação do conhecimento ocidental e não-ocidental e nos leva a

² As bases científicas cartesianas estão niveladas a partir de uma separação ontológica entre corpo e mente, onde a mente é o órgão ativo na construção do conhecimento científico, portanto, do conhecimento que é considerado válido. Enquanto que o corpo recebe um estatuto de natureza, algo que não interfere na construção racional do conhecimento e do mundo. Sendo que, esta concepção além de adentrar os meios científicos, engendrou-se nos mais diversos âmbitos da vida em sociedade, e concebeu dicotomias essências a construção moderna-colonial de sujeito-objeto, ser e não-ser, bom-ruim, sagrado-profano, etc. Ademais, segundo Maldonado-Torres (2019) esta separação ontológica leva a uma catástrofe metafísica que acomete os corpos e adentra as subjetividades, estando ligada a mecanismos de racialização dos corpos e distribuição racial da sociedade e do status de humano. Essa catástrofe é uma fratura na “estrutura Eu-Outro da subjetividade e sociabilidade e o começo da relação Senhor-Escravo” e é ao mesmo tempo ontológica, epistemológica e metafísica.

crer que é um fator crucial na demarcação de quem terá o benefício da escuta e o que é significativo para a ciência em dado momento histórico.

Ou seja, quando trato sobre esse benefício da escuta, estou travando um debate com o campo da construção da memória coletiva na ciência. E é justamente neste campo, pouco falado, mas muito disputado historicamente, que ocorre o processo de legitimação do que está sendo dito-escrito por determinados corpo-política do conhecimento em detrimento de outros. Ademais, dentro da realidade colonial, o corpo fala sobre quem é considerado humano na hierarquia social, que, por conseguinte é uma congruência entre gênero, raça, classe, sexualidade, espaço global etc.

O “corpo-política do conhecimento” como pensado por Walter Mignolo (2015) carrega a completude entre sentidos e significados, expressões que dizem de onde viemos, seja de maneira falada ou a partir do não-dito, do sensível. Fanon em *Pele Negras, Máscaras Brancas* (2020) faz uma prece que carrega as bases desse corpo-política do conhecimento: “Oh, meu corpo, faça sempre de mim um homem que questiona! ”.

Portanto, a corporificação do discurso é essencial para a desmistificação do mito da neutralidade³, pois compreende que toda teoria é escrita por um/a sujeito/a em específico. Ademais, “nossas crenças, saberes e conhecimentos são um efeito complexo e indeterminado da intersecção entre as condições materiais de vida, as narrativas incorporadas a partir dessas condições e as práticas naturalizadas que nos permitem lidar com o mundo coordenando a ação” (Scribano, 2007, p. 138; tradução minha).

Sendo assim, a fala desses/as sujeitos/as é perpassada por suas condições materiais e simbólicas que direcionam suas ações no mundo. Ora, essas condições são também os limites que a própria sociedade interpõe a determinados corpos para a promoção de sua exclusão em lugares de construção científica, por exemplo. Mesmo nesses lugares onde essas falas se materializam em palavras escritas, ponto chave no ideal civilizatório ocidental e moderno-colonial, que subjuga até hoje os saberes e conhecimentos tradicionais por serem transmitidos e reconstruídos a partir da oralidade.

³ Por muitos séculos, a neutralidade científica foi um objetivo a ser alcançado por todos e todas que quisessem dizer-se cientista. As ciências compreendiam que, quanto maior o nível de abstração se quisesse alcançar, maior deveria ser a distinção e distanciamento entre o cientista e seu objeto de pesquisa. Com o avanço de novos paradigmas, como os da Escola de Chicago, o pesquisador/a passou a ser visto como um ente inserido no seu contexto de pesquisa, e essa colocação passou a ser vista como algo positivo, pois, assim, pesquisadores/as desse grupo buscaram interferir positivamente na realidade da cidade de Chicago, que além de ser seu campo de pesquisa, estava imersa em fenômenos como o racismo e a criminalidade. Este também comportou um avanço metodológico, principalmente no que tange o avanço do pensamento feminista negro mundo afora.

No entanto, como concluiu Maldonado-Torres (2019) a escrita: é uma forma de reconstruir a si mesmo e um modo de combater os efeitos da separação ontológica e da catástrofe metafísica (p.47). Esta separação ontológica entre mente e corpo, e catástrofe metafísica relacionam-se com a lógica da racialização dos corpos, com as políticas dos corpos e das sensibilidades, que constituem a colonialidade enquanto lógica embutida na modernidade. Ademais, partindo de Fanon (2020), podemos compreender que a escrita e a escuta-leitura dos conhecimentos exteriorizados pelo condenado corporificado quando surgem como analítica central podem levar a mudanças radicais do mundo. Portanto,

A transição da solidão da condenação para a possibilidade da comunicação passa pela formulação de questões críticas. É esse o porquê da formulação de questões ser tão importante nos trabalhos dos agentes da descolonização, tais como Aimé Césaire, que em seu Discurso sobre o colonialismo colocou “o que, fundamentalmente, é a colonização?” (Maldonado-Torres, 2019, p.47-48).

A essa altura, fica evidente que os próprios questionamentos são parte de quem está falando e de onde está direcionando sua lente analítica. Pois, o corpo que habita a fronteira, constrói um conhecimento fronteiriço, que por vezes está fora do domínio do conhecimento sistemático do eixo euro estadunidense e por este motivo, “demando uma epistemologia que inclua o pessoal e o subjetivo como parte do discurso acadêmico, pois todas/os nós falamos de um tempo e lugar específicos, de uma história e uma realidade específicas – não há discursos neutros. [...]. É um lugar de poder” (Grada Kilomba, 2020, p.58).

Além disso, a escrita é um ambiente de disputa, vinculado à produção do conhecimento e, portanto, à credibilidade que é dada à parte dessas produções. Em geral, as de língua inglesa, francesa e alemã tendem a ter maior circulação. Mas esta é uma discussão futura para mim. No mais, Walter Mignolo trata desse fenômeno enquanto subalternização de conhecimentos.

3.2 Entrevista narrativa autobiográfica ou reconstrução biográfica

A narrativa autobiográfica, pensada por Ângela Maria de Castro Gomes (2004) é um documento, uma fonte histórica como outra qualquer. Não demanda, segundo a autora, nenhum trabalho crítico excedente ao que já é possível ser feito em outras documentações. No entanto, o ponto crucial para a escolha desse tipo de “coleta de dados” é compreender que:

[...]a escrita de si assume a subjetividade de seu autor como dimensão integrante de sua linguagem, construindo sobre ela a “sua verdade”. (...) O que passa a importar para o historiador é exatamente a ótica assumida pelo registro e como seu autor a expressa. Isto é, o documento não trata de “dizer o que houve”, mas de dizer o que o autor diz que viu, sentiu e experimentou,

retrospectivamente, em relação a um acontecimento (Gomes, 2004, p.14).

Ou seja, estarei tratando da retomada de uma memória subjetiva de um determinado autor/a ou colaborador/a. Que através de sua história de vida traz sentidos e percepções acerca de episódios específicos de sua trajetória pessoal. Ademais, acredito que, esta metodologia tem muito a contribuir para a sociologia enquanto ciência, e para seus avanços metodológicos, visto que a reconstrução de memórias pessoais pode inserir este/a sujeito/a num amplo debate acerca da construção científica brasileira ou mesmo mundial.

Todavia, na feitura de uma pesquisa teórica, onde a interlocução é feita com autores/as, a reconstrução pode ser feita a partir de outras fontes históricas como uma biografia publicada, jornais, revistas, podcasts, entre tantos outros espaços atuais de pesquisa, visto que muitas dessas pessoas que lemos, já se encantaram ou mesmo estando em vida, é difícil conseguir uma tarde sua para construir essa autobiografia. O que seria um presente, uma tarde para tomar um café ou chá com aquele/a que se lê.

A aplicação e análise da entrevista narrativa autobiográfica ou reconstrução biográfica possibilita uma aproximação com seus entendimentos a respeito do fenômeno estudado, suas concepções a respeito das sensibilidades, do corpo-emoções e das práticas educativas, os processos formativos e militantes. O principal objetivo é compreender quem foram os autores e as autoras trabalhadas, ou mesmo os sujeitos colaboradores da pesquisa se a mesma for empírica. No que tange às informações a serem coletadas, sempre haverá temas guarda-chuva que servirão de base para construção e análise da entrevista, mas outros fatores podem surgir como transversais, afinal, trata-se de experiências de vida.

3.3 Análise documental

Após a coleta de documentos pertinentes, passamos para uma outra etapa de pesquisa, a de análise. Quando parto de documentos, acabo pensando a própria reconstrução biográfica como um documento, pois, essa pode ser feita através de um resgate de fotografias, cartas, certidões de nascimento e relatos de outrem acerca daquela pessoa. Ademais, possibilita ao meu ver, um consequente entendimento acerca da identidade do autor, da autora ou do colaborador, da colaboradora da pesquisa. A identidade é um fator primordial para a análise do sensível e também para as etapas propostas nela.

Afinal, “não se pode pensar em interpretar um texto, sem ter previamente uma boa ideia da identidade da pessoa que se expressa, de seus interesses e dos motivos que a levaram a escrever. Esse indivíduo fala em nome próprio, ou em nome de um grupo social, de uma instituição?” (Cellard, 2008, p. 300). A explanação da identidade da voz que fala pela escrita de um texto, possibilita uma avaliação qualitativa desse texto. Cellard (2008) fala sobre a vinculação da credibilidade do texto a essa explanação, mas ao meu ver, o nosso olhar sobre a credibilidade é também abalizado por marcadores tais quais os debatidos acima e os que debato nos próximos tópicos. Por isso que, a análise documental será traçada aqui em paralelo à analítica da colonialidade e da decolonialidade.

No entanto, como escrito por André Cellard (2008), na análise de documento o primeiro desafio que a pesquisadora terá é o de: “localizar os textos pertinentes e verificar a sua credibilidade, assim como a sua representatividade” (p. 296). E é justamente neste ponto em que me encontro, a reformulação do quadro de obras a serem lidas e analisadas na próxima etapa da pesquisa tem sofrido um corte estratégico, pois, vi que a junção de tantas contribuições importantes poderia levar a um encharcamento da pesquisa, culminando numa perda de detalhes.

É justamente na tentativa de alcance desses detalhes que vão além do textual, mas se inserem no campo do poder, da *aesthesis* e dos sentidos que iniciei a construção de uma análise do sensível; metodologia que venha a ter não só a credibilidade analítica de uma análise documental tradicional, mas a base teórico-epistemológica de uma analítica da colonialidade e da decolonialidade acerca dos textos que serão lidos.

3.4 Analítica da colonialidade

A colonialidade do saber, do ser e do poder possuem em comum a/o sujeita/o colonizada/o, indispensável para a manutenção do controle colonial dos diversos âmbitos da vida social. A subjetividade, enquanto ponto de partida para uma analítica da colonialidade e, portanto, da atitude decolonial, traz a dinâmica de que essa atividade humana está incutida dentro de todo o processo do conhecimento e também se desenvolve, junto à identidade, “dentro de contextos que têm funcionamentos precisos de poder, noções de ser e concepções de conhecimento” (Maldonado-Torres, 2019. p.42).

A constituição das várias facetas da colonialidade, se dá segundo o autor “pela catástrofe metafísica, pela naturalização da guerra e pelas várias modalidades da diferença humana” (p.42). Ademias, essas são partes *sine qua non* da experiência moderna-colonial e também constroem as

possibilidades de execução das estratégias de desumanização de determinados seres, em detrimento da considerável humanidade universal de outros, como bem expõe Sueli Carneiro (2023), ao tratar da indisociabilidade da construção do Ser a partir da construção do Outro enquanto não-ser ligados respectivamente ao sujeito branco e ao sujeito negro ou não-branco.

O próprio dispositivo de racialidade, após inscrever a negritude no signo da morte e a branquitude no signo da vida, promove uma desumanização que circunscreve através das políticas dos corpos a instrumentalização do silenciamento através de táticas tais quais a máscara descrita abaixo por Grada Kilomba (2020), que visam a manutenção da autopercepção da/o colonizada/o enquanto sujeita/o inapta/o à escuta. Sentir-se apta/o é uma sensação primordial para a fala dentro dos espaços acadêmicos, pois indica a quebra do medo e da tortura entorno da boca, e dessa forma, a estruturação de um novo modo de pensar, agir e ser.

Um grande símbolo dessa tortura é a máscara de silenciamento, que foi utilizada nas colônias por mais de três séculos, para impedir que as pessoas escravizadas comessem as produções enquanto trabalhavam e instaurava uma mudez, um medo. Kilomba (2020) a descreve como “composta por um pedaço de metal colocado no interior da boca do *sujeito negro*, instalado entre a língua e o maxilar e fixado por detrás da cabeça por duas cordas, uma em torno do queixo e a outra em torno do nariz e da testa” (p.33). A máscara seria a própria materialização do colonialismo, uma etapa da construção da boca enquanto órgão inativo, silenciado, ferido pela tortura colonial.

Compreendo, que partindo desta experiência se deu a construção das políticas dos corpos e das emoções, vivenciadas contemporaneamente. Essas políticas compõem um complexo sistema de distribuição desigual dos corpos no território, das oportunidades e também da própria experiência de vida. Ora confrontada pela morte física, ora pela morte em vida. Pelo processo de alienação que segundo Fanon (2020), não desalienaremos a nossa experiência de ser negro de nossos outros papéis sociais. Por isso que quando negros, tornamos naturalizado falar de “intelectuais negras/os”.

Ou seja, esta desigualdade também se dá dentro do espaço acadêmico e influencia as políticas de citação e de circulação das obras a partir da autoria e da localidade em que foi produzida. Por isso visualizo a analítica da colonialidade como uma prática necessária dentro das análises de entrevistas, documentos, livros etc., pois explora as relações de poder e as estruturas de hierarquia presentes no saber e no poder atravessadas pela distribuição social do ser. Portanto, está presente nesta primeira formulação de uma Análise do Sensível tanto a analítica da colonialidade, quanto a analítica da decolonialidade.

3.5 Analítica da decolonialidade

Como exposto por Nelson Maldonado-Torres (2019): “[...] a atitude é mais fundamental que o método” (p.45). O autor não está abrindo mão dos necessários caminhos metodológicos, mas expondo que há algo além dos métodos que irá fazer a diferença na hora da apreensão dos “dados” e de uma analítica da decolonialidade. Ademais, se propor a uma atitude decolonial é uma forma de análise e compreensão dos dados a partir de uma crítica ao modelo moderno-colonial de conhecimento. E aderindo ao projeto inacabado do giro decolonial, ou como prefiro pensar o projeto árduo e contínuo.

O autor nos traz a necessidade de pensarmos “uma genealogia que mostre vários momentos através da história juntamente com uma fenomenologia, ambas como parte de sua analítica” (Maldonado-Torres, 2019. p.46). E que contribua para a emergência da/o condenada/o como pensador/a, ativista, criativo. E aqui a criatividade também é algo que está em disputa. Experimentar a vida com atores criativos também está relacionada às condições estruturais que cada pessoa acessa, através do sistema de distribuição desigual. É a partir da figura desse intelectual que parte de sua experiência condenatória, violenta para repensar o mundo em que vive, que se dá a criação de uma coletividade que abraça a luta pela descolonização do poder, saber e ser.

Uma vez que se trata de reformular a teoria social a partir do terceiro mundo e para o terceiro mundo, nada mais natural que haja a emergência do condenado como protagonista do processo de construção dessa genealogia e fenomenologia, ou seja, que nos tornemos conscientemente sujeitas/os ativas/os no projeto inacabado da descolonização. No entanto, “o condenado precisa aproveitar a multiplicidade de atividades, pensamentos, criatividade, etc, e torná-los parte de estratégia e esforços para efetivamente descolonizar o poder, o saber e o ser” (Maldonado-Torres, 2019. p.48).

O condenado, enquanto habitante da fronteira, experiencia um ambiente diverso, complexo, composto por modos de pensar, agir e ser que convivem sem necessária hierarquização social. A decolonialidade ou descolonização não é uma outra forma de excluir discursos e práticas diferentes, mas sim, a possibilidade de coexistência das diferenças que partem da equidade enquanto princípio. Deixando de lado mitos como o da neutralidade, do conforto e da democracia racial, sejamos, portanto, peixes que nadam em sua própria água, ou que não negam sentir o peso da água sob seu corpo, como nos sugere Nkweto Simmonds:

Eu não posso ser, como sugere Bourdieu, um peixe na água que “não sente o peso da água e toma o mundo sobre si mesmo como natural. O mundo que

habito como acadêmica é um mundo branco. (...) Discursos acadêmicos sobre o social construíram a negritude como a/o ‘Outra/o’ inferior, de modo que, mesmo ao ser nomeada, a negritude contém um problema de relacionalidade com a branquitude. (...). Neste mundo branco eu sou um peixe de água doce nadando na água do mar. Eu sinto o peso da água... no meu corpo” (Simmonds, 1997, p.226-7 apud Kilomba, 2020, p.64).

De fato, é preciso reconhecer o peso da água sob o corpo, no intuito de munir-se de sua própria condição para expressar seu eu no mundo. Sem medo de ultrapassar os limites da neutralidade científica que como vimos, já foi desmascarada como um mito. No sentido mais estrito do mito que escamoteia uma realidade para criar a que deseja, ou a que deseja os que contam o mito inúmeras vezes até que este torne-se a realidade, ou no mínimo, o que se espera da mesma.

3.6 Ontologia da estética

Atentemos, portanto, ao fato de que ao colonizar a/o sujeita/o, também se colonizou os sentidos da/o mesma/o e para continuar no caminho para o projeto inacabado da luta pela descolonização, é preciso que a estética seja vista como algo primordial ao giro decolonial. E, portanto, à existência humana. O caráter rasteiro da estética enquanto formulação daquilo que é feio ou bonito, é algo recente, construído por uma modernidade-colonialidade como pretexto ao surgimento do universalismo da estética europeia. Ou seja, a Europa também deveria ser o ponto de chegada no que tange a produção estética no mundo. E por fim, diria também o que é parte dessa produção e o que ficaria de fora. Segundo a lógica distintiva entre corpo e mente.

Mais que isso, esta separação ontológica e a catástrofe metafísica levou a perceber os sentidos de maneira utilitarista, quase que não sendo parte do corpo humano, mas sim ferramentas para o trabalho do sujeito-máquina que tem centralidade no cérebro e na razão. Devido a isso, torna-se imprescindível uma mente crítica e reavivar os sentidos, ou como prefiro chamar, a ‘ressensibilização’ objetivando conectar ao invés de separar.

A performance estética decolonial é, entre outras coisas, um ritual que busca manter o corpo aberto, como uma fonte contínua de questões. Ao mesmo tempo, esse corpo aberto é um corpo preparado para agir. O giro estético é um distanciamento da colonialidade da visão e do sentido. É um aspecto-chave da decolonialidade do ser, incluindo a Decolonialidade do tempo, espaço e subjetividade. A estética decolonial tem também esse caráter: liga e interliga, conecta e reconecta o eu consigo mesmo, o conhecimento com as ideias, as ideias com as questões, as questões com os modos de ser (Maldonado-Torres, 2019. p.48).

No que diz respeito ao debate metodológico, surge sempre uma desconfiança em torno da junção da estética com a metodologia, na próxima seção alargarei este debate, mas inicialmente começo em concordância com Adrián Scribano (2007) quando expõe que: “[...] a Metodologia da

Investigação partilha, ao mesmo tempo, outro aspecto com a estética: o seu potencial crítico” (p. 139, tradução minha). Ademais, esse potencial crítico está diretamente ligado à emergência de autenticidade que a estética contém, mas também, ao descrédito que a estética possui enquanto dimensão essencial para a vida humana e consequentemente para a ciência moderna tradicional.

A ciência não é, nesse sentido, um simples estudo apolítico da verdade, mas a reprodução de relações raciais de poder que ditam o que deve ser considerado verdadeiro e em quem acreditar. Os temas, paradigmas e metodologias do academicismo tradicional – a chamada epistemologia – refletem não um espaço heterogêneo para a teorização, mas sim os interesses políticos específicos da sociedade *branca* (Collins, 2000; Simmonds, 1997). A epistemologia, derivada das palavras gregas *episteme*, que significa conhecimento, e *logos*, que significa ciência, é a ciência da aquisição do conhecimento e determina que questões merecem ser colocadas (*temas*), como analisar e explicar um fenômeno (*paradigmas*) e como conduzir pesquisas para produzir conhecimento (*métodos*), e nesse sentido define não apenas o que é conhecimento verdadeiro, mas também em quem acreditar e em quem confiar (p. 53-54).

É por isso que me proponho a pensar em outras epistemologias para pesquisas que são consideradas “não-tradicionais”, “acientíficas”, “subjetivas demais”, entre outros preconceitos embutidos de neutralidade. Geralmente temas falados pelas vozes de sujeitas/os colonizadas/os, sobre temas ligados à estética, sensibilidade, culturas não hegemônicas ou temas críticos “demais” são levados a esses rótulos e por vezes deixados de lado em congressos, programas de pesquisa e instituições de ensino. Principalmente quando se compreende que a escolha do/a autor/a está diretamente relacionada às suas escolhas teórico-epistemológicas e, portanto, políticas, logo, seu texto estará carregado de contexto, ideologia e localidade. Escolhas teóricas, metodológicas e problemas sociológicos pouco clássicos serão tidos como desnecessários.

Nos textos trabalhados nesta seção em específico, dois deles foram escolhidos por suas contribuições a uma discussão metodológica decolonial, e outro por suas contribuições na discussão acerca de outras epistemologias. Afinal, dentro de uma pesquisa essencialmente teórica — ou mesmo nas empíricas — a metodologia também será ditada no decorrer das leituras e escolhas teóricas da pesquisadora em questão. E refletirá todo um posicionamento epistemológico, político e até identitário.

4. CONSTRUINDO A ANÁLISE DO SENSÍVEL

O sensível é o que há de mais comum a ser partilhado (Rancière, 2005) pelos diversos seres

humanos, independente de localização geográfica, raça, gênero, sexualidade e outros fatores individuais e coletivos, todos possuímos um conjunto chamado sensível. Neste conjunto estão sentidos, sentimentos, significados, corpo-sensorial, expressões corporais e da fala, silêncios e hesitações. Todos os corpos possuem essas dimensões e demandam parte de sua mente para a utilização — mesmo que inconsciente — do sensível enquanto expressão da subjetividade.

Entretanto, a partilha do sensível escancara — como tudo que possa julgar que é humanamente comum dentro de um sistema desumanizador e desigual — recortes, partes e lugares distintos que serão ocupados por corpos diferentes, sendo essa distinção organizada com base no sistema mundo moderno/colonial e no processo de racialização. O que relacionalmente está lado a lado com a subalternização do conhecimento fronteiriço também subalterniza o sensível como parte ilegítima do conhecimento humano e expõe o corpo do condenado à falta de espaços para falar, ser escutado e percebido enquanto apto à essa escuta.

Mas afinal, o que é o sensível? O que são as sensibilidades? O sensível é tudo aquilo que perpassa o corpo e sua expressividade, é constituído pelas sensibilidades, pela estética, pela identidade, é percebido e experienciado através da forma com que cada pessoa é e está no mundo. Já as sensibilidades, perpassam as emoções, os sentidos, a percepção do sistema sensorial, e abarca uma consciência corporal através de olfato, visão, equilíbrio (vestibular), gustação, audição, tato e propriocepção.

Para que fique mais evidente esta distinção, as sensibilidades compõem o sensível e são compostas por dimensões essenciais para a partilha desigual do sensível no mundo contemporâneo. Haja vista que essas dimensões já foram citadas acima, o leitor e a leitora me dão licença para expor que o sensível está também ligado ao nível do invisível e do indizível, enquanto que as sensibilidades estão relacionadas aquelas experiências que nascem a partir dos sentidos básicos.

Neste sentido, o saber sensível aquele que, no processo de construção e reconstrução, passou pelo corpo, afetando-o de diversas formas, é visto aqui como essencial também às análises científicas. Afinal, o conhecimento é fruto de um diálogo simbólico que ocorre através da escrita ou fala, mas sempre utilizando palavras, muitas conceituadas por “pares”, mas também é um diálogo entre corpos, onde emerge uma diferença entre “pares” e se evidencia uma outra semelhança, mais estrutural, ligada àquilo que na maioria esmagadora das vezes é a contribuição de um/a intelectual que parte de um local próximo ao de cada uma.

Ademais, a descolonização do sensível, ousou dizer, dar-se-á independentemente de onde

estivermos daqui a alguns anos nesta discussão, pois a ressensibilização do ser humano está relacionada ao processo de humanizar-se coletivamente. Isto é, será preciso retomar a atenção aos nossos sentidos para que a humanidade possa permanecer viva de maneira mais satisfatória nas próximas gerações. Essa descolonização tende e necessita partir dos mais diversos espaços de poder e saber, mas também de seres que comungam da luta pela sobrevivência e descolonização humana.

Ademais, enxergando a “humilhação de ser inferior”, sem aceitá-la, a análise do sensível se propõe a constante construção do pensamento e epistemologia fronteiriços. Partindo da língua portuguesa brasileira, e lendo autoras/es de maioria latinoamericanas/os, andinas/os, negras/os, não haveria proposição melhor que estar fincado no projeto da luta pela descolonização, já que, o que é sensível também é sujeito, é estético e é desconfortável para a colonialidade, abraçando este desconforto para devolvê-lo àqueles/as que historicamente localizou “O Outro” na subalternidade do conhecimento. Como um peixe “que sente o peso da água”, pensadoras/es da descolonialidade, os condenados, uniremos amor e raiva e mesmo estando dentro das instituições que buscam ainda a manutenção do projeto colonial, estaremos “escrevendo contra” como nos ensinou Stuart Hall.

A estética, enquanto partícipe dessa ressensibilização, é um ato essencial para a vida humana, pois não só está ligada à beleza como ao conceito de estética concebido no século XVIII, pois “os significados da palavra giram em torno de palavras como “sensação”, “processo de percepção”, “sensação visual”, “sensação gustativa” ou “sensação auditiva”. [...]” (Mignolo, 2015, p. 400). É possível sabermos hoje que a experiência “aesthetica” esteve presente entre civilizações antigas, anteriores inclusive à grega, mas que a transformação da *aesthesis* em estética pela Europa, transformou a narrativa da experiência sensorial europeia em verdadeira, deslocando o significado apenas para a “sensação do belo” e criando um ideal de beleza branco, eurocêntrico e binarista.

No entanto, essa experiência sensorial e perceptiva do mundo e de si no mundo será compreendida aqui enquanto ação emancipatória que desloca da moral para si mesma o processo de emancipação humana, possuindo um potencial crítico capaz de alargar o entendimento acerca do mundo. A estética tem a ver com memória, identidade, história coletiva e cultural. Ela é, precisamente, essencial ao giro decolonial e ao processo de ressensibilização humana, é o que, estando presente, faz com que possamos olhar para poesias, músicas e performances tidas como “meramente artísticas”, como passíveis de análise acadêmica e até de serem parte de nosso produto final em pesquisas acadêmicas, como posicionamentos perante a realidade social, não apenas como algo “feio ou bonito”.

Assim como na teoria decolonial, ir “além da modernidade” é um dos objetivos principais,

na análise do sensível ir além do texto é o objetivo principal que me levou a essa constante construção de uma metodologia híbrida, que visa à descolonização do discurso e da escrita da pesquisa em geral. Está posto que este tópico pudesse ser nomeado ‘passos iniciais’, visto que é isso que possuímos. Todavia, exponho aqui que o inacabamento, enquanto dimensão humana, também compartilha a insistência da curiosidade epistêmica, e o próximo passo é lidar com ambas as dimensões e construir uma melhor análise das leituras que virão. Por fim, a análise do sensível, nessa (re)construção constante, visualiza técnicas diversas como possíveis aliadas para seu andamento durante pesquisas teóricas ou empíricas.

Por exemplo, de acordo com as condições de pesquisa, percebemos que, no que tange a corporificação do discurso, haveria uma possibilidade de alargamento desse entendimento sobre quem é a autora/autor, a partir de onde se fala e qual caminho foi percorrido até chegar naquele escrito através das técnicas de entrevista narrativa autobiográfica. Entretanto, compreendemos que o acesso às autoras e aos autores, nem sempre será possível, portanto, uma reconstrução biográfica, através de leitura de entrevistas e relatos bibliográficos feitos anteriormente, pode cumprir com essa função. Mas, em um ideal por vezes utópico, uma entrevista narrativa autobiográfica trará detalhes e expressões que, dentro do não-dito, dirão muito a respeito do corpo que estiver falando, afinal, a pesquisa é por si só uma experiência incorporada.

A mescla de técnicas, como a análise documental e a entrevista, ou a etnografia do cotidiano daquele/a pesquisador/a, diante das condições que tiver trarão mais detalhes, formas de perceber e promover a escrita final de nossa contribuição epistêmica, são nas nuances poéticas, nas insistências mais simples que poderemos perceber a atitude e o comprometimento da/o entrevistada/o com o tema de nossos questionamentos. E por que não, percebemo-nos enquanto pesquisadoras/es ativas/os, que desnudadas/os de amarras que nos tiram as mãos, comportamos mais do que o sempre visto, a percepção rasteira da realidade.

Afinal, a análise do sensível é, além de um caminho metodológico fincado em uma epistemologia afrodiaspórica e decolonial, um momento de análise dos dados, sendo importante também na construção de uma lente mais abrangente, ou seja, epistemologicamente plural em torno do que deve ser considerado um dado relevante para uma pesquisa teórica, como a que utilizamos como pré-texto à edificação dessa metodologia, ou para pesquisas empíricas. Estamos tratando sobre relevância, sobre possibilidades múltiplas de construção de dados. Que não só através do texto, mas através da história de vida de quem está escrevendo, do local a partir do qual se está falando, da forma como o corpo fala o indizível e os sentidos mostram o invisível, registrando os

dados para a construção de novas contribuições para as teorias sociais - sim, no plural.

Apesar dessas dimensões contextualizarem e serem basilares na construção teórica de todas as pessoas pesquisadoras, nem todas as lentes científicas e políticas levam em consideração essa amplitude ontológica como um dado importante na apreciação do próprio discurso científico. No entanto, o desafio de executar a análise do sensível se dará nesta pesquisa de mestrado que está em curso, e buscará compartilhar em breve, outras reflexões sobre seus limites, acertos e possibilidades. Afinal, não há como constatar a exequibilidade de uma metodologia, sem a prática da mesma. Mas também não haveria reformulações metodológicas e epistêmicas, sem desafios como esses.

4.1 Mais do que uma técnica: uma prática, uma atitude!

Ademais, a análise do sensível neste artigo se configura como algo inicial à sua formulação, e as dimensões de sua execução prática podem estar causando um certo desconforto por entre as emoções da leitora ou do leitor, assim como está na autora que vos escreve. No entanto, é mister expor que esta reflexão metodológica de caráter inicial se apoia numa distinção clara entre prática e técnica, onde a primeira é uma dimensão incorporada, que pressupõe o envolvimento total do sujeito, suas “habilidades reflexivas e corporais”, enquanto que a técnica, no seu caráter exterior ao indivíduo que a aplica, torna-se “mecânica, impessoal, fria”, é basicamente um/a pesquisador/a seguindo fórmulas e procedimentos preconcebidos, que buscam um fim e excluem tanto a capacidade corporal desse/a, quanto sua subjetividade.

Ou seja, “a técnica pode ser ensinada; a prática, apenas aprendida e desenvolvida” (Duarte Jr., 2001, p.160). Também esta concepção de técnica enquanto algo meramente instrumental está diretamente relacionado com a formação científica que é hegemônica até o momento, onde mesmo com incontáveis debates acerca das outras dimensões da pessoa pesquisadora e quanto a sua retirada do processo de pesquisa torna a ciência algo frio e inalcançável aos cidadãos e cidadãs comuns. Apesar desta ser uma dura constatação

[...] parece ser o que atualmente vem sendo formado por nossas universidades, preocupadas apenas com a instrumentalidade do conhecimento e a mensuração de sua eficiência, em detrimento da formação de cientistas cuja sensibilidade e ampla visão de mundo provavelmente os tornaria dotados de personalidades mais íntegras e até de maior capacidade criativa (Duarte Jr., 2001, p.160).

Para este mesmo autor, o ato criativo se dissipou da produção de conhecimento, através das estratégias modernas de anestesia dos sentidos e do corpo no processo de apreensão da realidade. No entanto, para uma análise além do discurso e da escrita formal, tendo a buscar na criatividade,

nos domínios dos sentimentos, no que diz o corpo, no objetivo político-ideológico daquela obra, ou mesmo de uma trajetória intelectual de quem a escreveu. A criatividade também está estritamente ligada à curiosidade, às novidades, às mudanças. É preciso criatividade para reexistir diariamente. É preciso criatividade para vislumbrar teorias sociais cada vez mais curiosas e sensíveis.

Para tanto, a análise do sensível precisa ser vinculada a uma prática emancipatória e decolonial, onde essas outras dimensões são consideradas e reverberam em excelentes dados para o futuro das ciências sociais e humanas. Entretanto, reitero aqui a arbitrariedade da construção dos conhecimentos científicos e que, por isto, a atitude da pesquisadora, através de seu olhar sensível, carregará uma expressão subjetiva de si, mesmo que sua consciência pulse no caminho contrário. E isso, não invalida aquele conhecimento, aqueles dados. Mas é preciso conhecermos os limites da própria ciência para apreender e incorporar a prática de uma *análise do sensível*.

5. CONCLUSÕES

Através da análise documental exposta nos tópicos acima, é possível figurar que a análise do sensível possui seis conceitos guarda-chuva como eixos norteadores: (1) corporificação do discurso; (2) análise documental; (3) entrevista narrativa autobiográfica ou re-construção biográfica; (4) analítica da colonialidade; (5) analítica da decolonialidade e (6) ontologia da estética. A importância da consumação da metodologia proposta neste trabalho se dá pela necessária reformulação metodológica junto ao comprometimento com a luta pela descolonização.

O caráter híbrido foi formulado com base em Walter Dignolo, pensando uma metodologia híbrida decolonial como: (1) construída na fronteira; (2) pelo sujeito condenado; (3) comprometendo-se com a descolonização; (4) fissuras que inserem o local no global; (5) constrói a epistemologia e pensamento fronteiriços. O que traz à leitora e ao leitor algumas das críticas fundamentais para a autora desta pesquisa, e consequentemente, deixa exposta as escolhas tomadas na construção deste artigo.

Relembro que este trabalho é teórico, de cunho qualitativo e possuiu como objetivo edificar a metodologia híbrida aqui denominada *Análise do Sensível*, abrindo uma discussão dos métodos para futuras pesquisas em torno da junção sensibilidade, afrodíspora e decolonialidade. Para tanto, a leitora e o leitor puderam perceber a influência de autoras e autores latinoamericanos, negras/os, andinas/os, decoloniais, demarcando desde então as bases decoloniais dessa metodologia que busca quebrar com os paradigmas que forem necessários para abarcar o corpo, o sensível e a estética nas

pesquisas que seguem.

Por fim, espera-se que a leitura dessas palavras tenha sido feita de maneira crítica e reflexiva, que a leitora ou o leitor sintam-se apta a escutar a autora que vos escreve, mas também que saiam destas páginas com inquietações que fortaleçam os debates abertos aqui. Que o desconforto da leitura tenha tocado sensivelmente em seus corpos e afetado com pouca cautela os paradigmas que costumamos manter por mera inconsciência.

REFERÊNCIAS

CARDOSO, Edson. A mancha indelével da cor: uma aproximação às questões raciais no Brasil. Casa Sueli Carneiro. In: *Curso: Ler o Brasil*, 2022. Disponível em: <https://cursos.casasuelicarneiro.org.br/courses/ler-o-brasil/>. Acesso em 20 de Nov. 2023.

CARNEIRO, Sueli. *Dispositivo de racialidade: a construção do outro como não-ser como fundamento do ser*. São Paulo, Zahar, 2023.

CELLARD, André. *A análise documental*. In: POUPART, Jean. *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos*. Petrópolis: Vozes, 2012.

COLLINS, Patricia Hill. *Black Feminist Thought. Knowledge, Consciousness, and the Politics of Empowerment*. New York: Routledge, 2000.

FANON, Frantz. *Os Condenados da Terra*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.

FANON, Frantz. *Pele Negra, máscaras brancas*. Tradução de Sebastião Nascimento e colaboração de Raquel Camargo. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

GOMES, Ângela C. Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo. In: GOMES, A. C. (Org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2004, p. 7 - 24.

KILOMBA, Grada. *Memórias de plantação: episódios de racismo cotidiano*. Tradução de Jess Oliveira. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MALDONADO-TORRES, Nelson. *A topologia do Ser e a geopolítica do conhecimento. Modernidade, império e colonialidade*. In: *Revista Crítica de Ciências Sociais* [Online], 80 | 2008, publicado a 01 outubro 2012.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas. In: BERNARDINO-COSTA, J; MALDONADO-TORRES, N; GROSFUGUEL, R (Org.). *Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

MIGNOLO, Walter. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. In: *Cadernos de Letras da UFF –Dossiê: literatura, língua e identidade*, nº 34, 2008.

MIGNOLO, Walter. *Habitar la Frontera*. 1ª ed. Barcelona e Chihuahua: CIDOB y UACJ, 2015.

RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível: estética e política*. Tradução de Mônica Costa Netto. São Paulo; EXO experimental org.; Ed. 34, 2005.

RODRIGUES, Marília. Educar e ressensibilizar: Reflexões teóricas acerca de uma Educação do Sensível. In: *Anais do Colóquio Latino-americano sobre Insurgências Decoloniais, Psicologia e os Povos Tradicionais*. Anais. Sobral(CE) Faculdade Luciano Feijão, 2021.

SCRIBANO, Adrián. Políticas de resistência al vaciamiento metodológico. In. GANDÍA, C; MAGALLANES, G; SCRIBANO, A; VERGARA, G. *Metodología de la Investigación Social: una indagación sobre las prácticas del enseñar y el aprender*. 1.ed. Córdoba: Buena Vista Editores, 2007.

SIMMONDS, Felly Nkweto. My Body, Myself: How does a Black woman do sociology?. In: *Feminist theory and the body*. Routledge, 2017. p. 50-63.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad y modernidad/racionalidad. In: *Perú indígena*, v. 13, n. 29, p. 11-20, 1992..

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: QUIJANO, Aníbal. *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais, perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 117-142.

Licença e Direitos:



Este trabalho está licenciado sob uma licença [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).